

Jovem: uma categoria social em extinção?(1)

M^a Victória Espiñeira Gonzalez *

Com um sentido extremado, o título deste artigo toma como referência a marca que tem sido o universo juvenil nas últimas décadas, em que a visibilidade, o aparecimento "espetacular", a negação do mundo adulto e a existência de um projeto político de mudança da realidade social eram a tônica.

Entretanto, é importante que se diga, parte das conceituações utilizadas ao estudar-se os jovens, quando não se prendem excessivamente a aspectos biológicos da condição de jovem, é imprecisa e tem caráter circular, como a definição da UNESCO, que estabelece:

"O termo juventude designa um estado transitório, uma fase da vida humana de começo bem definido pelo aparecimento da Puberdade; o final da juventude varia segundo os critérios e os pontos de vista que se adote para determinar se as pessoas são jovens."⁽²⁾

Ou seja, procura definir o objeto (juventude) por ele mesmo (sua característica de ser jovem). Claro está que explicações deste tipo pouco ou nada acrescentam para uma classificação objetiva.

Esta imprecisão tem raízes distantes. Na antiga Roma, o termo *juvenis* tinha um significado institucionalizado, pois designava uma passagem que conferia ao aspirante ao mundo adulto um estatuto distinto, como podemos depreender dos estudos de Gal Roger.

"Aos dezessete anos, o Jovem Romano tornava-se *juvenis*. Numa nova cerimônia ele depunha a bula e a toga bordada de púrpura. Acompanhado dos seus, após um sacrifício aos deuses, ia inscrever-se em sua tribo e apresentar-se ao fórum" (1985:35)

Em Roma, como em inúmeras sociedades, os limites da condição do jovem era e é bem demarcada por ritos de passagem, rituais socialmente reconhe-

cidos, como ocorre ainda hoje em algumas tribos indígenas, nas quais o aspirante ao mundo adulto se submete a duras provas -em geral de coragem ou resistência à dor.

O estudioso de atitudes sociais Philippe Ariès, conhecido por seu trabalho sobre a história social da criança e da família, salienta a ambigüidade no plano lingüístico que o termo juventude comporta, observando que, mesmo num idioma próximo como o latim, há margens para dúvidas.

"Nero tinha 25 anos quando Tácito disse a seu respeito: *certe finitam Neronis pueritiam et robur juventae adesse*".⁽³⁾ (1978:16)

O autor mostra ainda que as confrarias e sociedades que se designavam como "da juventude" enquadravam nesta condição os solteiros, numa época em que os casamentos ocorriam bem mais tarde. Ou seja, a Juventude estava associada à condição de celibatário. (op.cit:16)

Entendemos que o estabelecimento dos limites do termo, embora tenha sua gênese em características biológicas e empíricas, não deve descuidar de aspectos teóricos e sociais relacionados com o problema específico da investigação, o que implica, no nosso caso, compreender elementos como: disposição ou pré-disposição para comportamentos mais ou menos renovadores, mais ou menos democráticos, o grau de interesse político, o nível de associativismo, as avaliações das instituições políticas, dentre outros.

No nosso trabalho de delimitação do objeto, podemos partir da descrição do jovem como aquele que procura os seus pares e vive no espaço entre a infância e o mundo adulto. Esse espaço em que ele permanece em compasso de espera se materializa, principalmente, na sua passagem pelo sistema escolar. É o período de preparação para o ingresso no mundo produtivo e para o desempenho de papéis sociais sancionados, como o do casamento, da profissão, dentre outros. É também quando os jovens constroem identidades, formam referenciais coletivos. Vale ressaltar que este período varia segundo a posição ocupada na escala social, costumando ser bem menor para os jovens das classes populares do que para os da classe média.

Os estudos centrados nesta "espera" para o ingresso no mundo dos adultos, nos permitem classificar os movimentos juvenis das últimas décadas segundo sua maior ou menor reação ao modelo social existente. Assim, no centro do mundo ocidental, se-

guindo uma cronologia, observamos que a década de 50 foi a da ruptura com valores éticos e culturais, foi o momento da Juventude Transviada. Já a de 60 tem como ator principal o movimento estudantil, que contesta o modelo político e tem como bandeira uma mudança radical na estrutura da sociedade. Embora este ator permaneça em cena nos anos 70, esta vai ser a década da geração Paz e Amor. Mais recentemente, nos anos 80, temos grupos em que o desencanto, a falta de esperança e de projetos eram a marca. Helena Abramo (1994), ao investigar os movimentos juvenis em São Paulo nessa década, especificamente os *punks* e *darks*, refere-se à falta de esperança desses grupos quanto à possibilidade de vir a surgir uma sociedade melhor. Diz ela:

"preferem assumir o vazio e a falta de perspectiva... mostram o seu tédio através de uma atração pública, de uma visibilidade urbana".

Numa linha de análise distinta, temos os estudos acadêmicos que percebem as potencialidades desses jovens através do que Abramo denomina dois modelos dicotômicos, ou sejam: o modelo que opõe integração a marginalidade e o que contrapõe alienação a radicalismo.

Nesse enfoque, o jovem é apresentado basicamente como alienado, impregnado por um individualismo consumista ou, num outro extremo, participando dos movimentos sociais identificados com mudanças profundas. Ao estudante, por exemplo, sempre se tem perguntado sobre a sua "capacidade de atuar como sujeito político, fazer alianças e articular-se com outros Movimentos Sociais e, por fim, provocar mudanças reais na sociedade", como mostra Abramo (1994).

Pelo segundo modelo, os integrados seriam os que estão no mercado de trabalho ou freqüentando a rede de ensino, e seu contraponto os que, apesar de participarem de algum modo do mercado de trabalho, de uma forma geral, descambariam para a exaltação da violência como elemento de valorização de grupos (em geral xenófobos), fenômeno que, embora seja mais evidente na Europa, já tem plantadas suas raízes nas grandes cidades brasileiras, como os *Carecas* em São Paulo, versão cabocla dos *Skin Heads* ou os *Hell Angels* do Rio de Janeiro. Isto para não mencionar as torcidas organizadas de futebol, cujo nível de truculência chega a ser, muitas vezes, superior à dos *Hooligans ingleses*.

Quer nos parecer que a perspectiva de estudar o assunto com um enfoque cultural, como vêm fazen-

do alguns autores que advogam a existência do que se pode chamar de uma "cultura juvenil ampla e internacional ligada ao tempo livre e ao lazer", é a que se apresenta como mais promissora para observar uma ampla gama de comportamentos novos ou até mesmo para negar a existência desta cultura internacional.

Os anos 90

No Brasil o jovem constitui um contingente significativo do ponto de vista quantitativo. A introdução do direito ao voto aos 16 anos na Constituição Brasileira de 1988 representou um marco, pois transforma este contingente em um eleitorado com um peso político e um potencial transformador a avaliar. Para os jovens significou a antecipação da possibilidade da passagem do "mundo da casa" (o mundo privado) para o mundo público, embora, no Brasil, o conceito de público seja de difícil determinação, pois se confunde com o mundo dos amigos, dos parentes, do cliente.

Um exemplo do potencial deste contingente jovem pode ser percebido na história recente do país, quando se registrou a participação decisiva dos estudantes num dos acontecimentos políticos dos mais importantes e sem precedente na história das democracias ocidentais, que foi a presença dos jovens "cara pintadas" no *impeachment* do presidente Collor. Essa participação contribuiu para que o movimento pelo *impeachment* alcançasse uma grande visibilidade, criando um fato político, o que colaborou para sustentar a discussão através da mídia, levando à formação de uma opinião pública favorável ao afastamento do Presidente Fernando Collor. É preciso ressaltar que, apesar deste episódio ter tido uma grande repercussão, parece que se caracterizou como um fato isolado, cujos desdobramentos foram mínimos e provavelmente circunscritos àquele evento.

De todo modo, o que chamou a atenção de alguns estudiosos é que esse movimento, ao contrário do das décadas anteriores, não se fundamentou em contradições de base estrutural, não preconizava mudanças sociais profundas; aparentemente expressou uma preocupação do âmbito da cultura política, com caráter basicamente ético, atomizado, além de refletir uma proposição que convergia com as expectativas dos pais desses jovens.

À luz destes fatos, podemos inferir que, se o mo-

delo de análise que denuncia relação de descompromisso do jovem com o seu grupo de origem, defendido por autores como Agnes Heller (1988), não está superado, deve, ao menos, ser reformulado. Também não restam dúvidas que a condição estudantil não forma mais hoje um "setor particular que pode permanecer, de fora do processo produtivo e do sistema de valores constituídos, desenvolvendo um questionamento crítico e *desinteressado* de ordem social", conforme pensava Karl Mannheim (1968).

Considerando esse quadro, observando que essa categoria social deixa de ser um foco de contestação radical da ordem política, cultural e moral, como Otávio Ianni (1968) se referia aos jovens dos anos 60, e olhando a natureza e a esporadicidade desses movimentos na década de 90, perguntaríamos se não estaria esse sujeito social se voltando mais para um mundo privado, deixando, assim, de ser uma categoria específica. Alguns fatores deporiam a favor desta hipótese, como o crescimento numérico dos que necessitam trabalhar para se manter ou complementar a renda familiar; a concentração da juventude em escolas privadas, muitas das quais noturnas, também diminui o espaço de tempo disponível para a "especulação"; a ideologia das escolas privadas, muitas vezes, não é muito compatível com a coisa pública.

Hoje, a identidade desses jovens parece estar mais no tempo livre do que na vivência escolar. A condição de estudante não provocaria a elaboração de uma subcultura própria, peculiar, assim como tendemos a acreditar que não existe hoje uma subcultura juvenil relacionada com a cultura de classe.

Ao contrário da geração dos anos 60/70, que buscava desde cedo a sua independência, o jovem atual tenderia a permanecer mais tempo sob a proteção doméstica de seus pais, adiando, assim, a sua passagem para o mundo adulto.

Ao contrário da geração dos anos 60/70, que buscava desde cedo a sua independência, o jovem atual tenderia a permanecer mais tempo sob a proteção doméstica de seus pais, adiando, assim, a sua passagem para o mundo adulto.

Inúmeros fatores, além dos mencionados, poderiam estar influenciando esse comportamento dos jovens. Numa análise mais global, a flexibilização da economia e suas conseqüências, como o aumento do desemprego estrutural nos países centrais e no Brasil, aumento de empregos temporários e parciais, queda na renda média dos trabalhadores, são apenas algumas das variáveis sugeridas ligadas ao mundo das relações de produção.

Num plano mais superestrutural, o aumento do período em que o jovem permanece nas escolas com a extensão do ensino obrigatório, o desenvolvimento dos meios de comunicação, as mudanças no padrão de consumo, entre outros aspectos, provocariam uma reconfiguração da condição de jovem. Mas estes elementos não seriam comuns a todos os segmentos. Para os de baixa renda, alguns aspectos, como a questão dos empregos, teriam mais significação que outros. Por outro lado, para o jovem de classe média e da classe média alta é a questão do consumo que cresce de importância.

Contudo, existe mais um aspecto situado fora da esfera da produção que, se não guarda um nexo causal com o problema, mantém com este uma relação direta, sendo condição necessária para que o fenômeno ocorra. Trata-se da possível diluição do chamado conflito de gerações que, no passado, induzia o jovem a buscar o mais rapidamente possível a sua independência. O jovem de nossos dias, sem prejuízo da afirmação individual na adolescência, que os levaria a alguns conflitos familiares para a "demarcação" de espaço, parece não sustentar uma posição de antagonismo com relação ao universo dos adultos.

Nossas observações, visando uma aproximação sobre este assunto na cidade de Salvador, embora sejam apenas uma tentativa de aproximação, um esboço incompleto, já nos sinalizam na direção da tipificação do jovem de classe média baiano como "bem comportado", não sendo sujeito de contradições significativas com o mundo adulto. Esta parece ser uma tendência mundial, tendo sido o fenômeno detectado na Espanha e na Itália. Mas também apresenta características locais bem definidas, pois já vinha ocorrendo aqui em Salvador bem mais cedo do que em outras cidades do país, sugerindo uma combinação de variáveis distintas. Enquanto no Rio e em São Paulo era possível observar a criação de movimento do tipo *Punk*, *Dark*, *Funkeiros* e outros, na década de 80 e início de 90, em Salvador, a maior expressão da juventude se dá através de blocos de

carnaval. Mas esta inserção nos blocos ocorre sem que se diferencie da inserção dos adultos.

Podemos supor que, no nível dos processos das subculturas, os resquícios de um modo de vida rural tenderiam a contaminar as feições do ambiente urbano de Salvador, reforçando a estrutura familiar e os laços de afinidade, nos quais a família nuclear mantém o valor do parentesco da família ampliada, alguns dos quais com memória ou raízes rurais. O jovem de classe média baiano parece compartilhar, inteiramente, com o sistema, crenças e valores dos adultos e aceitar os papéis previamente determinados. Nas manifestações culturais da cidade, como as "lavagens", os jovens e adultos se divertem do mesmo modo, compartilhando o som dos trios elétricos e o consumo de cerveja. Não temos aqui uma distinção de gostos musicais tão claramente definidos, como entre os jovens de outras regiões. Também é possível observar, tanto nas reuniões familiares como nos intervalos entre as aulas nas universidades, grupos de jovens jogando dominó ou baralho, à semelhança dos adultos.

É de se supor que a sociedade dos adultos da Bahia seja mais permeável e menos rígida nas regras que estabelece para permitir o ingresso no seu universo. O jovem, em vez de procurar firmar sua identidade através de roupas, gestos, códigos de linguagem e comportamento próprio, procura reproduzir o universo simbólico do adulto.

Parece que, como ocorre geralmente na Bahia, os jovens baianos descobriram um caminho informal, mais fácil e menos doloroso para a sua transição que os modelos tradicionais.

Portanto, arriscaríamos afirmar que o jovem desta década, principalmente o baiano, não chega a formar um "estilo de vida", a possuir um "modo compartilhado" de usufruir o lazer e o consumo, como acredita Heller (Apud ABRAMO, 1988: 148).

Com isso, não podemos deixar de estar atentos para perceber se estão sendo gestados novos signifi-

cados, ainda imperceptíveis. Mas, inicialmente, tenderíamos a afirmar que esses jovens não estão construindo um espaço público, uma linguagem comum, um sentido de pertencimento. E, se não existe a identidade coletiva, como estão eles participando da democracia? O império da "democracia delegativa" ainda terá muito tempo de vida no Brasil? Ou esse recolhimento ao mundo privado não significaria o início da aproximação do modelo dos Estados Unidos, onde os direitos civis individuais são um dos principais sustentáculos da democracia? Ou seja, a participação está se dando como cidadão e não como um grupo específico?

Notas:

- 1 Texto extraído de anotações preliminares que compõem parte dos estudos que a autora está realizando.
- 2 Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.
- 3 Cedo terminam em Nero suas qualidades infantis e já o rubor da juventude aparece.

Referências Bibliográficas:

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: Punks e Darks no Espetáculo Urbano*. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GAL, Roger. *História da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- IANNI, Otávio. O Jovem Radical. In: *Sociologia da Juventude*. Vol. I. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- MANNHEIM, Karl. O Problema da Juventude na Sociedade Moderna. In: *Sociologia da Juventude*, vol. I. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- MOISÉS, José Álvaro. *Os Brasileiros e a Democracia*. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

* M^{te} Victória Espiñeira Gonzalez Mestre em Ciências Sociais pela UFBA e Profa. do Dept. de Ciência Política da UFBA.